

FEMINISMO NA INTERNET: PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE O CASO DE ESTUPRO COLETIVO OCORRIDO NO RIO DE JANEIRO EM MAIO DE 2016

JULIA MELLO DOS SANTOS¹; SILVIA MEIRELLES LEITE²

¹Universidade Federal de Pelotas – julia.mdsantos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relatório do andamento de trabalho de conclusão de curso, no qual buscaremos compreender os sentidos produzidos pelos interagentes das páginas do Facebook Empodere Duas Mulheres e do jornal Estadão sobre o caso de estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro em maio de 2016. O objeto de estudo foi escolhido por se tratar de um caso emblemático de violência contra a mulher que ganhou grande repercussão na mídia, evidenciando a importância do jornalismo tratar de pautas relativas ao feminismo. Tendo em vista também a grande repercussão do assunto nas redes sociais na internet, em especial o Facebook, faremos uma comparação entre os principais sentidos produzidos em uma página feminista (Empodere Duas Mulheres) e na página de um veículo da grande mídia (Estadão).

Tendo como ponto de partida o feminismo, podemos dizer que este, como movimento social, pode ser dividido em ondas. A primeira onda feminista, iniciada em meados do século XX, teve em seu centro a luta pelo direito ao voto, o chamado movimento sufragista (ALVES e PITANGUY, 1981). A partir do final da década de 1960, o feminismo de segunda onda começa a ganhar força, através da construção da teoria feminista (LOURO, 1997), como a ideia de gênero em contraponto de sexo para designar a mulher. Diversas reivindicações de ordem social e política também ganharam forma, como a luta por uma maior autonomia sobre o próprio corpo, métodos contraceptivos seguros, maior participação da mulher no mercado de trabalho, entre outros (ALVES e PITANGUY, 1981). O feminismo de terceira onda surge a partir de autoras como Judith Butler e a teoria *queer*, além de uma busca de interseccionalidade: não considerar a mulher como um sujeito único, e sim, atentar para recortes de raça, classe, sexualidades, conforme apontado por RIBEIRO (2014).

Atualmente, pode-se dizer que o feminismo encontra-se em sua quarta onda, aqui com forte participação das redes sociais na internet em sua construção (LEMONS, 2009, apud ROCHA, 2017), além de uma força maior vinda da América Latina (MATOS, 2010). A relação do feminismo com as mídias se dá através de uma “relação de mão dupla” (TOMAZETTI, 2015): o movimento critica a mídia, de forma prática e acadêmica, e, por outro lado, se utiliza de mídias alternativas no enfrentamento dos discursos dominantes. Autoras como SANTOS e BARROS (2015) destacam a utilização de sites de redes sociais por grupos feministas como ampliação do campo de militância, tornando possível uma ampliação do alcance de pessoas em diversas localidades.

O caso estudado ocorreu no Rio de Janeiro, em maio de 2016, e veio a público após a postagem de um vídeo no Twitter, feita por um dos suspeitos do crime. No vídeo, uma jovem de 16 anos aparece nua e desacordada, cercada por homens rindo da situação. O vídeo viralizou¹, e com isso a investigação se iniciou,

¹ Dizemos que algo *viralizou* quando a repercussão é muita em pouco tempo, sendo compartilhado por milhares ou até mesmo milhões de pessoas.

ao mesmo tempo em que a vida da vítima era escrutinizada na mídia. A polêmica gerada foi tamanha que o caso passou por um desmembramento, em que se dividiu em crime virtual (investigado por um delegado homem, que foi acusado por uma das advogadas da vítima de conduta machista) e o crime de estupro em si, investigado por uma delegada mulher, que culminou no indiciamento de sete pessoas, pelos crimes de estupro de vulnerável e pela divulgação do vídeo.

Através de pesquisas sobre o estado da arte, observamos que este caso já foi objeto de estudo de diversos trabalhos, como o de BELELI (2016), que analisa a repercussão de dois programas televisivos sobre o caso nas redes sociais na internet, observando, em sua maioria, comentários contra as feministas e culpabilizando a vítima pela violência sofrida. MOUSINHO (2016) fez um levantamento nos comentários com maior engajamento da página do Facebook do Portal G1 em publicações sobre o caso e os dividiu de acordo com uma escala de Benjamin Mendelsohn que estabelece o “grau de culpa da vítima”. A autora constatou que a maioria dos comentários analisados considerava a vítima culpada em algum grau, destacando que o teor dos comentários foi se alterando para um tom mais depreciativo à vítima à medida que mais fatos sobre sua vida pessoal foram sendo divulgados.

Os aspectos deste fato a serem estudados e analisados não se esgotam, pois, como já mencionado, trata-se de um acontecimento emblemático e de grande repercussão. Assim, buscaremos fazer um estudo de caso, dando continuidade às pesquisas sobre feminismo e redes sociais a partir dele.

2. METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada no trabalho é de estudo de caso, com base em YIN (2001). Conforme apresentado pelo autor, tal método é relevante quando se trata de eventos sob os quais o pesquisador tem pouco controle e cujo foco encontra-se em analisar o “como” e “porquê” de algum fenômeno da vida real.

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001, p. 32).

Para definir os dados a serem analisados no trabalho, partimos da ideia de utilizar as publicações de uma página do Facebook de cunho feminista com um alcance considerável. Assim, definiu-se a utilização da página Empodere Duas Mulheres, que possui mais de um milhão de curtidas. Buscamos, então, identificar o compartilhamento de notícias sobre o caso de estupro coletivo, e a identificação dos veículos originais nas quais elas foram publicadas. Chegou-se, então, à ideia de comparar os enunciados das duas páginas que publicaram a mesma notícia, bem como analisar o teor dos comentários (e respostas a esses comentários) com maior engajamento, em ambas as páginas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, o trabalho encontra-se na fase de construção da fundamentação teórica. Iniciamos com as noções sobre feminismo e feminismo e redes sociais, sob as quais foram realizadas pesquisas de estado da arte.

A seguir, um passo importante é entender e conceituar enunciado e produção de sentidos, para tanto, estão sendo utilizadas as concepções de BAKHTIN (2000), em fase de estruturação.

Em relação ao percurso feito para se chegar nos dados a serem analisados, conforme já exposto no tópico sobre metodologia, cabe ressaltar que, originalmente, tínhamos a ideia de realizar uma comparação sobre duas ou mais notícias compartilhadas na página Empodere Duas Mulheres e pela página do Portal Terra. Porém, ao verificar que a página feminista compartilhou notícias do jornal Estadão, e, ao identificar o compartilhamento de uma delas na página do veículo original, este passou então a ser o foco. A notícia encontrada foi a seguinte: “Advogado de suspeito diz que vítima estava 'superconsciente’”².

Esta notícia foi compartilhada pela página Empodere Duas Mulheres com o seguinte enunciado: “Um vídeo da menina inconsciente não serve pra provar que ela estava inconsciente (e ainda falam que ela estava "superconsciente")”. A postagem, de 31 de maio de 2016, obteve 3,6 mil reações (sendo 2,2 mil “curtir”, 1,1 mil “grr”, 182 “triste”, 13 “uau”, 6 “haha” e 2 “amei”); 98 compartilhamentos e 178 comentários, tendo o comentário com maior engajamento obtido 807 curtidas³ e 25 respostas.

Já na página do jornal Estadão, a publicação da notícia, da mesma data, foi acompanhada do enunciado “Via MetrÓpole Estadão #estadão”, e alcançou 515 reações (337 “curtir”, 135 “grr”, 33 “haha”, 6 “uau”, 3 “triste” e 1 “amei”); 37 compartilhamentos e 106 comentários, tendo o comentário com maior engajamento atingido 254 curtidas e 78 respostas.

De início, um dado que chama a atenção é o fato de a notícia ter tido maior repercussão na página feminista que a compartilhou, e não na página do veículo onde ela foi inicialmente publicada. A partir destes dados, buscaremos, então, analisar os principais sentidos produzidos pelos interagentes nessas duas páginas, bem como analisar os sentidos produzidos pelos enunciados das páginas no momento de compartilhamento da notícia.

4. CONCLUSÕES

Conforme já exposto, o trabalho encontra-se no momento atual na fase de leituras e elaboração da fundamentação teórica, mais especificamente, na questão do enunciado e produção de sentidos conforme conceitos de BAKHTIN (2000).

Buscaremos utilizar, além dos autores já apresentados, as noções de LÉVY (1999) sobre ciberespaço e cibercultura, além de SCHWINGEL (2012) sobre ciberjornalismo.

Com o trabalho que está sendo desenvolvido, buscamos acrescentar no campo de estudos de feminismo e jornalismo, notadamente nas reflexões sobre feminismo, jornalismo e sites redes sociais, que acreditamos ser um campo fértil de pesquisa, além de extremamente relevante na atual conjuntura.

Sobre o teor das análises, ainda não é possível deduzir os principais sentidos produzidos pelas páginas e pelos interagentes estudados, sendo essa avaliação algo a ser ainda posteriormente realizado.

² Disponível em: < <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,advogado-de-suspeito-de-estupro-diz-que-vitima-estava-superconsciente,10000054395> >

³ Na época da publicação, o recurso de reações além do “curtir” para comentários no Facebook ainda não estava disponível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense (Coleção primeiros passos, n. 20), 1985.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BELELI, Iara. **Novos cenários: entre o “estupro coletivo” e a “farsa do estupro” na sociedade em rede**. Cadernos Pagu. 2016, n.47. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332016000200504&script=sci_abstract&tlng=pt>

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?** Revista de sociologia e política, Curitiba/PR, v. 18, nº 36 – Junho 2010, p.67-92.

MOUSINHO, Amanda Arrais. **VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A percepção social sobre um caso de estupro coletivo por meio da análise dos comentários na página do G1 no Facebook**. Revista Cambiassu, São Luís/MA, v.16, nº 19 - Julho/Dezembro 2016, p. 34-51.

RIBEIRO, Djamila. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**. Carta Capital, 2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>> Acesso em: 17 de janeiro de 2018.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. **A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital**. 2017. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6728>>

SANTOS, Nícia de Oliveira; BARROS, Jordana Fonseca. O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia - Original. In: I Simpósio Internacional de Tecnologia e Narrativas Digitais, 2015, São Luís. **Anais...** São Luís, 2015. p. 1-11.

SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TOMAZETTI, T. P. **O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero**. Razón y Palabra, v. 90, p. 1-17, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.